PRIMAVERA

Roma — St.a Maria de Cosmedin

A boca da verdade

Raparigas, a Fátima!

PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA

Querida rapariga

Tu que estás sempre a par das últimas novidades, já sabes a boa nova?

Já te falaram na Peregrinação Internacional a Fátima?

Talvez apenas tenhas ouvido um eco distante e desejes conhecer melhor os pormenores desta romagem de amor.

Pois bem, através do teu jornal aqui nos tens pronta a falar-te da nossa Peregrinação. Da tua Peregrinação, afinal, porque certamente não vais faltar. Não seria generoso, quando há tanta e tanta rapariga estrangeira a vencer mil dificuldades para vir. E esperemo-las de toda a parte: da Europa, da América, do Oriente e das nossas colónias, até das mais afastadas.

Juntas cumpriremos o voto feito pela J. C. F. quando a guerra ameaçava Portugal. Juntas ajoelhar-nos-êmos, aos pés da Virgem, a agradecer-lhe a paz, pedindo-lhe sobretudo para que a torne verdadeira. E nós, especialmente, muito temos que agradecer!

Já pensaste no significado desta audiência na Cova da Iria, em terra portuguesa?

Já pensaste que é a primeira vez que as raparigas católicas do mundo se reunem para rezarem juntas e se confiarem a Nossa Senhora?

Como vês, nenhuma rapariga portuguesa pode faltar nos dias 3 e 4 de Maio!

Bem sabemos que terás incómodos, sacrifícios... mas não serão as «maçadas» que irão impedir a tua presença na grande reunião de Fátima.

Nestas palavrinhas, que te dedicamos, não vejas um convite — estás sempre convidada — vê antes esta afirmação: a Juventude Católica Feminina conta, desde já, com a tua presença.

Maria Júlia Vassalo Santos

Presidente da Sub-Comissão da Imprensa

*NOTA: **Para qualquer informação podem dirigir-se à Avenida Duque de Loulé, 90 r/c Dt.º - Lisboa.***

A BOCA DA VERDADE

No pórtico da igreja de Santa Maria de Cosmedin, em Roma, cuja fotografia reproduzimos e que é a mais bela das igrejas romanas medievais — chamamos particularmente a atenção para o seu típico campanário do século XII — existe uma figura em pedra que é muito popular porque diz a tradição que a sua boca morde a mão dos que mentem: por isso lhe chamam «*a boca da verdade*».

Se fosses a Roma, poderias meter tranquila a tua mão na «*boca da verdade*»?

• • •

Sêde sinceras por dentro e por fora, seja com quem for e onde quer que estejais.

Ideal e verdade andam a par. Onde falta um, falta tambem o outro.

Quanto mais pura for a Verdade, mais alto é o Ideal. E quem não quererá ter um alto ideal? quem não quererá pôr o seu Bem lá muito acima?

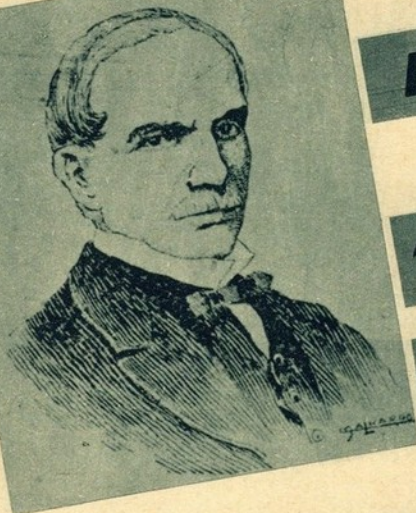
A verdade não admite, em caso algum, a aliança do sim e do não.

Sêde verdadeiras nos vossos pensamentos
verdadeiras nas vossas palavras
verdadeiras nas vossas atitudes.

A boa consciência é a melhor prova de que somos verdadeiras em tudo.

Onde falta a verdade, sente-se logo a consciência em desassossêgo.

DEUS NÃO MORRE

Perfis: GARCIA MORENO

AQUI mesmo, já te dei há tempo o perfil espiritual de um homem de Estado. Cabe hoje a vez a Garcia Moreno que foi por três ocasiões diferentes presidente da Republica do Equador. A causa da sua beatificação está posta em Roma. E bem o merece quem morreu aos 54 anos de idade assassinado pela maçonaria em ódio à sua Fé de católico, no dia 6 de Agosto de 1875, uma primeira sexta-feira, à saida da Igreja, onde tinha acabado de comungar.

Em 1921, a pequena Republica do Equador e com ela todo o mundo católico, celebraram com extraordinárias e grandiosas festas o primeiro centenário do nascimento do homem público que foi também um dos primeiros entre os modernos a imprimir um carácter nitidamente cristão, dando a Deus o lugar que Ele deve ocupar, na constituição política de uma nação. Um dos principios que Garcia Moreno tantas vezes proclamou foi este: «Para governar o Estado é necessário antes de mais nada moralizar o povo e para moralizar o povo é preciso restituir à Igreja a independência com que a dotou o seu divino Fundador».

Foi tambem Garcia Moreno o primeiro homem de Estado a obedecer aos desejos expressos pelo Redentor a Santa Margarida Maria, consagrando oficialmente ao Sagrado Coração de Jesus o país a cujos destinos presidia.

★

Uma passagem da sua vida de estudante em Paris. Um dia, em plena discussão religiosa passeando com um colega nos jardins do Luxemburgo, este, por último argumento, vencido já na inteligência, censurou-o de qualquer atitude menos bem, menos conforme com a sua Fé tão ardentemente defendida.

Garcia Moreno achou que o seu adversário tinha razão e concluiu: — «está bem, tiveste razão até este momento; de hoje em diante não mais a terás».

Era assim em tudo, um carácter, este homem que está bastante por conhecer entre nós.

★

Há tempos Sua Santidade Pio XII dirigindo-se aos jovens católicos italianos falava-lhes assim:

«Sempre que estejam em jôgo os interesses de Deus e da religião, da moral e do espirito cristão, estai presentes para os afirmardes e os defenderdes. Fazei valer todos os direitos, aproveitai todas as liberdades que as presentes condições vos reconheçam. Nisto está um leal serviço de Deus como um verdadeiro amor à Pátria. E' uma hora de obras. Sêde homens fortes e disponde-vos para a luta».

★

Não vos parece que exemplos como este de Garcia Moreno precisam de ser mais conhecidos?

Numa hora gravissima, este homem de Estado não aparece como um expoente de coragem a imitar?

“Deus não morre” — foi a última palavra de Garcia Moreno dirigida aos sicários que naquela manhã o atingiram mortalmente no peito.

“Deus não morre” — e que tendes vós feito para assegurar por toda a parte, já, hoje, na vossa vida de portuguesas e de estudantes, esta verdade?

Vives tu esta verdade?

G. A.

Aspecto duma regata de Snipes em Cascais

...E TAMBEM SE FAZEM AO MAR

A vela é, por excelência, o desporto do ar livre.

Contacto directo e benfazejo com o mar, com o sol, com as brisas frescas e com os ventos ligeiros. Desporto completo aliando a todos aqueles benefícios da natureza a necessidade da decisão, da coragem e dos rápidos reflexos.

Que não é desporto para meninas, proclamam os que por praticá-lo se julgam super-homens. Que só é desporto para meninas, bradam os que se sentem incapazes de velejar.

Ambos estão fora da verdade, muito longe dela.

A vela é um desporto por vezes violento, mas que pode ser praticado por raparigas porque, e isto é fundamental, levando-as profundamente ao contacto com o ar puro e o sol ardente, requerendo atributos especiais, as fortalecem, as embelezam, sem que lhes faça perder o seu maior encanto: a graça feminina.

Licurgo proclamava há dezenas de séculos que com mulheres e homens física e moralmente fortes, teria uma raça física e moralmente excepcional. Se há desporto capaz de formar essa camada de mulheres de "mens-sana in corpore sano", esse é sem sombra de dúvidas a vela.

Quando os nossos brilhantes representantes na disputa da "Connaugh Cup" voltaram a Portugal declararam-se encantados com o que por Inglaterra tinham visto. Em mar agitado, com ventos rápidos, mulheres de uma certa idade já, tripulando os "sharpies". O contacto permanente com as salgadas ondas, emprestava-lhes uma força nova, um vigor que nunca possuiriam se apreciassem mais o chàzinho minado de intrigas, no ambiente pobríssimo e carregado de uma pastelaria citadina.

Mas não é de pensar que apenas as inglesas, filhas de um país essencialmente desportista e marítimo, se entregam ao prazer vivificante do desporto da vela.

Pelo mundo inteiro o verde azulado oceano actua como um enorme e irresistível imã sobre o fraco sexo. A incerteza, o perigo, a sensação agradabilíssima do vento que liberta compridos cabelos e empresta às faces as suas naturais cores, têm a sua parte importante na fuga para o mar. Não ,não lhe chamaremos fuga, àntes *retorno*...

Nos campeonatos mundiais de "snipes" viram os nossos concorrentes barcos tripulados por irmão e irmã, por pai e filha, por marido e mulher.

Este último caso achamo-lo de eleição...

Entes que Deus uniu com a sua benção, que lutam por uma vida que escolheram, por uma felicidade que procuram, e que no próprio desporto unem os esforços e sacrifícios para o triunfo da sua equipa. Para eles a vida deve ser como que uma regata muito difícil, coalhada de obstáculos e ventos contrários, de ondas alterosas e sóis fortíssimos, e que precisam vencer com a conjunção de todas as suas forças, de toda a sua coragem.

Não se enganou quem disse que o desporto era uma escola da vida...

Aqui, a dois passos da Lisboa de mil cores, também as raparigas não resistem ao mar, também elas experimentam os seus encantos e feitiços...

E no nosso Irmão Brasil, no Rio de Janeiro, disputou-se um primeiro Campeonato Feminino de Vela, com doze concorrentes.

A Mocidade Portuguesa lançou a sua campanha de "Rumo ao Mar", na brilhante tentativa de rejuvenescer, de despertar nos rapazes o gôsto pelas ondas que já foram nossas, que tremeram já à passagem das nossas vermelhas cruzes. Todos sabem de que modo está esta ideia semeada de triunfos...

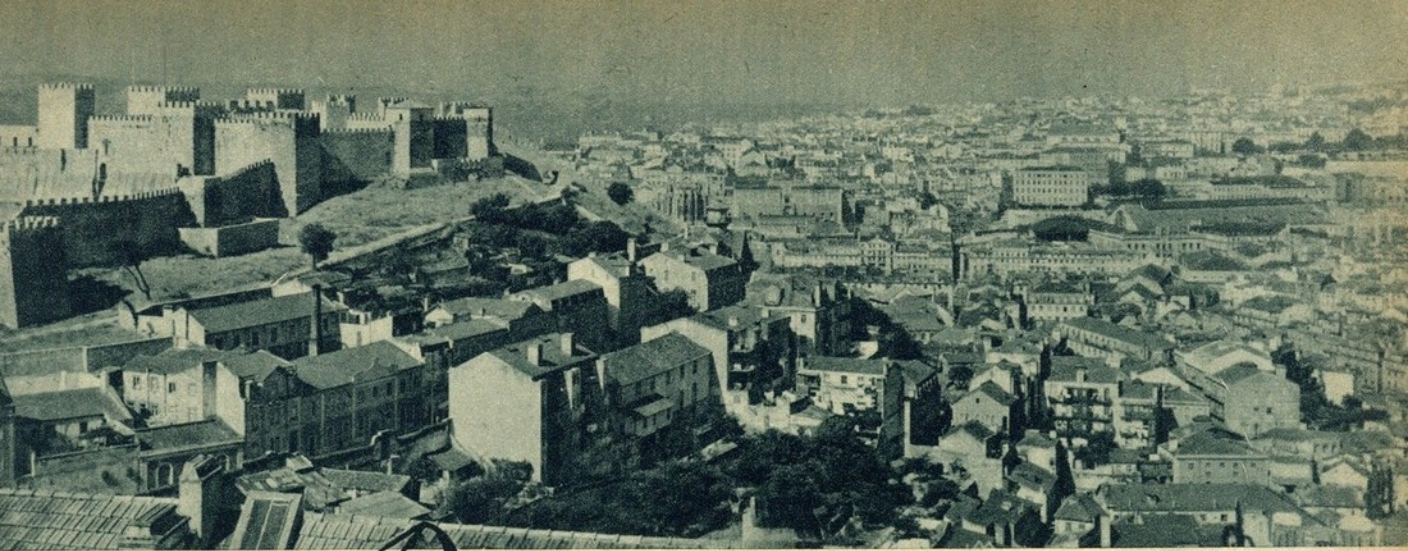
Vocês, raparigas, serão mais saudáveis, mais fortes de ânimo, mais belas, mais femininas, se se entregarem aos prazeres da vela do que se permanecerem totalmente mergulhadas na viciada atmosfera de uma pastelaria.

Não fiquem na dúvida, não se mostrem receosas... Tenham também o vosso "Rumo ao Mar"...

Reparem bem nas raparigas de todo o mundo, vejam que elas não hesitam, notem que em todos os países elas viram já a verdade, a vantajosa verdade...

JOÃO ANTÓNIO MENDES LEAL

Uma senhora espanhola que tomou parte nas regatas portuguesas da V Semana da Vela

«Rumo ao mar...»

ISBOA CANTADA PELOS POETAS

LISBOA festeja este ano oitocentos anos de existência cristã: foi em Outubro de 1147 tomada aos mouros por D. Afonso Henriques.

De então para cá, não lhe têm faltado trovadores; a sua beleza tem seduzido os poetas.

Um autor anónimo do século XVIII exalta-a assim:

Mapa do Mundo, em que se vê cifrado
O mundo todo em partes dividido,
Das sete maravilhas no excedido
Maravilha maior, próprio traslado.

Retrato do Universo, em que pintado
Se vê de popo a polo o desmedido;
De Norte a Sul um ponto tão unido
Que em ti contemplo o mundo abreviado;

Prodigioso império dos viventes
A quem todo esse eco serve de copa,
Babel das línguas, confusão das gentes;

Lisboa, digo, aonde a vista topa
O mundo todo em partes diferentes:
Asia, América, Africa e Europa.

Augusto de Santa Rita descreve-a graciosamente:

Lisboa...!
Ó terra de luz boa!
Lisboa, boa Lisboa!...

Brinquedo da minha infância,
que a distância
colocou em meu regaço,
mal nasci;
à tua sombra cresci!...
Enfim, já posso abraçar-te,
já cabes em meu abraço!

Brinquedo que se não parte,
sempre novo,
com que o Povo,
(essa ingénua criança)
jamais se cansa
de brincar!

Lisboa!
Ó terra de luz boa,
boa água e bom ar!
Em cujo céu, constantemente, à toa,
um casal de níveas pombas voa
e uma andorinha esvoaça,
em poético abandono,
e onde a luz, através cada vidraça,
quase murmura e sôa,
plena de côr e graça!

E onde há, sòmente, Primavera e Outono!

Onde, à noitinha, Deus em sombras passa
ao nosso lado e, enchendo-nos de assombro,
nos toca levemente sôbre o ombro,
suspirando na brisa que perpassa!

E onde os lindos, poéticos pregões,
entoados pela voz das raparigas
e inspirados no Génio de Camões,
são trechos de canções,
excerptos de cantigas!

E onde, em recantos de úmido jardim,
— (desenhando arabescos entre os goivos,
com a ponteira da sombrinha) — aos noivos
juram as noivas um Amor sem fim!

E onde há um rio, em que Santa-Iria
foi sepultada, que parece um mar...
E inda há noites de tão lindo luar
que chega a gente a não saber se é dia!

Onde em velho mosteiro, igreja em ruínas,
conhecido por Sé, um relógio existe,
cujo timbre saudoso, ansiado e triste,
se faz ouvir em todas as esquinas!

E ao baladar das horas, por noite alta,
produz um som tão cavo e gemebundo
que, ouvindo-o, o coração se sobressalta,
cuidando que êle vem de um outro mundo!

Lisboa!...
Ó terra de luz boa...
Lisboa, boa Lisboa!

De públicos jardins cheios de arbustos,
de flôres
multicores
e de insectos!
Ricas estátuas, inscrições e bustos;
cisnes no lago, peixes na lagôa
e músicos tocando nos corêtos!...
Lisboa, cuja luz, clara e tranquila,
baixa da auréola de Jesus nos Céus
e, em vez dum Céu banal, tem a cobri-la
o manto azul da Virgem-Mãe de Deus!

E onde os carros eléctricos, passando,
deixam um rasto de oiro em nosso olhar!...

Docas do Tejo, entre gaivotas voando,
marezia de sonho em preiamar!...

Não sei que aspecto de mistério atinges
em teu seio, Lisboa, em certa hora,
que os telhados das fábricas são 'sfinges
e um ar de sonho há pelo Atêrro fora!...

Lisboa de ovarinas palmilhando
mas cheias de arrecadas e cordões...
Olhos feitos de sol e polvilhando
de oiro o ar, em redor, com seus pregões!

Lisboa das «quentinhas d'erva dôce»
dos quiosques, dos clubes e dos Grémios...
Lisboa dos anémicos, da tosse...
De «fala-sós», notívagos e boémios!

Lisboa dos vèlhinhos asilados
em guarda às cadeirinhas da Avenida
tão cheinhos de rugas e engraçados
em seu todo de Amor e apêgo à Vida,
que até me davam tentações, ao vê-los,
de tê-los
arrecadados
na mesma caixa de cartão, comprida,
em que guardava, outrora, os meus soldados!

Bandas regimentais marchas tocando
e foguetório estralejando os ares!...
De gaiatos, ao sol, o pião jogando,
e sotas na garupa das muares!...

Lisboa dos bichanos nos telhados,
cravos e mangericos nas trapeiras...
Lisboas dos cafés iluminados
e das acaloradas cavaqueiras!...

Lisboa dos namoros nas janelas...
Lisboa das guitarras e descantes...
Lisboa das tragédias nas vielas...
Lisboa das luzinhas cintilantes!...

* * *

Brinquedo lindo que, contra
o peito, minh'alma aperta!
sempre a tentar-me na montra
da minha janela aberta.

CAMARADAGEM

por MARIA AMALIA FONSECA

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

A tarefa mais agradavel para Maria Antónia era sem dúvida a de ter o Chiquinho sobre os joelhos ou, fazendo-o brincar com os cubos de madeira, ajudá-lo a procurar, entre as outras letras, aquela letra alta como um monte e com um pico lá no alto. — O A. — Se o Chiquinho fosse um pássaro poisaria no poleiro do A, mas se o Chiquinho fosse um cordeiro diria M E' E'...

— O E' era a voz do cordeiro.

O Chiquinho encantado repetia:

— O A tem um poleiro para o passarinho, o E' é a voz do cordeiro, o I um senhor com chapelinho, o O a bola do futebol e o U...

Nesta altura o Chiquinho esticou o pescoço, piscou os olhitos pretos e brilhantes de malícia e da boquita côr de rosa saiu uma palavra feia...

— A mana já lhe disse que U é a voz das vaquinhas e dos bois. Eles dizem assim: M Ú Ú... Quem lhe ensinou a outra coisa, quem foi?

O Chiquinho empertigou-se, pôs as mãos atrás das costas e, todo ancho, como se conhecesse o valor do segredo que possuia, declarou importante:

— O Chiquinho já é um homem!

Maria Antónia pegou-lhe ao colo e foi entregá-lo à ama. Depois, chamou os irmãos ao quarto.

Veio logo o Zé muito apressado, julgando tratar-se de uma explicaçãosinha, porque o Zé no liceu estava a tornar-se «fera», desde que a irmã estudava com ele. Ninguém lhe daria quinze anos, porque era magro e pequeno, portanto as pessoas pasmavam quando se dizia que ele estava no quinto ano. O Zé gostava dessa admiração. O Zé entrou no quarto da irmã e atrás dele apareceram o Jorge e o Fernando. Este último, desgrenhado, com os botões do bibe arrancados, mastigava o resto do pão, que se esquecera de comer à hora do lanche. O Fernando era sempre assim, esquecia tudo pela brincadeira, mas com onze anos ninguém lhe levava isso a mal.

O Fernando e o Jorge eram muito diferentes. O Jorge, com treze anos, já macambúzio, tinha a mania de se meter pelos cantos onde ninguém o visse, colecionava barboletas, andava de fisga na mão e o que mais lhe interessavam eram as coisas velhas, as pedras das ruinas, as moedas com azêbre. Não consentia que ninguém lhe tocasse na gaveta da mesa de cabeceira. Os irmãos diziam que cheiravam a môfo as colecções do Jorge, chamando-lhe urso, lobo solitário, coca bichinhos e outras coisas mais.

Ele não se zangava...

Quando os irmãos entraram no quarto, viram a Maria Antónia a apanhar os cubos e a arrumá-los dentro da caixa de cartão. Depois de apanhar o último cubo e de fechar a caixa, ela disse aos irmãos que tinha de formar o tribunal.

— Quem é o réu? Perguntou o Zé, sem se admirar, visto que estava habituado a esses julgamentos da Tó.

— Naturalmente, sou eu! Já é costume — respondeu resignadamente o Fernando, escarranchado nas costas da cama.

— O' Tó, eu desta vez não menti nem fiz judiarias às criadas. Só ontem, por engano, é que meti o gato na cama da Rosa, porque anda cheio de pulgas e a Rosa...

— Deixe-me falar — interrompeu com calma a Maria Antónia — Temos de esclarecer um assunto que há dias me dá que pensar. Só no último dos casos o direi à Mãe, porque à Mãe só no último caso é que se dizem coisas que a podem ralar. Já temos idade suficiente para não darmos ralações, nem à Mãe nem ao Pai; portanto agora que estamos reunidos no tribunal quero dizer-lhes que não sei quem é o réu.

— Se não há réu, quem vamos julgar? — Perguntou o Zé de ouvido alerta.

— Muito simples! Cada um é juiz da sua própria consciência. Nenhum de nós se poderá ir deitar e rezar em sossêgo se não tiver cumprido o seu dever.

— De que se trata, Tó? Diga depressa! Estou cheio de genica. Exclamou o Zé, esfregando as mãos.

— Trata-se de saber quem ensina palavras feias ao Chiquinho. Outro dia diante da tia Barbara, ele disse uma coisa de fazer arrepiar os cabelos. Hoje, agora mesmo, acaba de me dizer outra. Vocês estão a ver as côres trágicas com que a Tia Bárbara irá pintar e comentar semelhante educação. Quem vai receber censuras, seremos nós?

Dize tu, Jorge, estás tão calado, o que te parece? A quem poderá a Tia Bárbara atirar as culpas?

Em vez de ser o Jorge a responder, quem respondeu foi o Fernando.

— Às criadas! Em toda a parte as criadas é que ensinam aos miúdos as palavras feias.

— Jorge! Deixa esse livro, foi a ti que eu fiz a pergunta.

O Jorge, em vez de largar o livro, começou a ler de alto:

— A batata veio da América em 1534... Só no fim do século XVI é que Parmentier conseguiu convencer de que a batata era um bom alimento... Isto interessa-me. E o Fernando ia a meter o livro debaixo do braço, quando o Zé lho arrancou.

— E' pá! E's parvo! Não ouves a Tó a falar contigo?

— Ah! Peço desculpa — gaguejou o Jorge. — Não ouvi coisa nenhuma, sei que estamos no tribunal...

— E' que se pergunta quem ensina o Chiquinho a dizer coisas feias — continuou o Zé já um pouco exaltado. — Sim, é indecente! Um de vocês foi! Ou tu, ou o Fernando. O Fernando, talvez mesmo sem querer, as tivesse dito... O miúdo ouve e vem repetir diante de todos. E' uma vergonha, pá! Sabem quem fica mal? São os pais, especialmente a Mãe. Vocês querem que se diga que a Mãe tem a culpa de Chiquinho dizer coisas feias, ensinadas por vocês?

— Não, pá! Gritou o Fernando. Mas eu tenho uma ideia formidável para descobrir o criminoso. Eu sou bestial!

— O que é? — Perguntou ao mesmo tempo a Tó e o Zé, voltando-se ambos para a porta por onde o Fernando ia a sair.

— Que giro, vocês não se terem lembrado disso! Chama-se o miúdo e ele diz logo ao tribunal quem foi que o ensinou e, se forem as criadas, hei-de dar-lhes o arroz...

— Não senhor, Fernando!

A Maria Antónia foi buscar o Fernando e trouxe-o para junto dela. — Isso não pode ser assim. Se o fizesses, o Chiquinho ficava sabendo que a *palavra feia* é uma coisa preciosa que se aplica por tudo e por nada. Ele já adivinhou isso mesmo e se lhe dissermos «o menino não diga» ele há-de repeti-la, em vez de a esquecer. Quanto mais teimamos com uma criança, tanto mais ela teima connosco e se ele continuar a ser malcreado, para todos os efeitos, são os pais que têm a culpa, como o Zé acabou de dizer e muito bem. Pela maneira de falar do Zé vejo que não foi ele quem insubordinou o Chiquinho. O Fernando queria acareações entre o miúdo e o criminoso, logo também não é ele o réu. E tu, Jorge, qual é o teu ponto de vista?

O Jorge perecia hesitar, mas de repente encostou a cara ao braço descançado sobre a mesa, e rompeu a chorar.

— Então... se eu não disser nada... tenho de ser... por força o criminoso? Nem todos podem ter uma opinião certa... Eu só sei que não ensinei coisa nenhuma ao miúdo.

— Bem, bem! — A Tó foi socorrer o infeliz, beijando-o. — Está claro que não és o criminoso. Possivelmente o Chiquinho ouviu talvez na rua ou com efeito alguma criada, mas precisamos de saber quem foi ou quem é que o ensina e agora estaremos os quatro de atalaia! Combinado, Jorge? Não chores, rico! Faze antes por teres opinião e coragem!

CURIOSIDADE CIENTÍFICA

A curiosidade científica faz trepar montanhas: estes curiosos estão a 3.400 metros de altitude!

CURIOSIDADE, é palavra que anda por aí muito difamada. Deveria significar apenas uma fecunda qualidade, admirável flor da psicologia humana, e contudo, por culpa daqueles que lhe torceram a orientação, de virtude descaiu no vício que mãezinhas tão acertadamente castigam nos filhos.

Para reabilitar a «curiosidade», bastaria desenrolar os seus pergaminhos heráldicos, que a filiam num vocábulo latino de mui nobre estirpe: *cura*, que o mesmo é dizer cuidado, diligência e portanto, no nosso caso, afan de saber, interesse de descobrir o interior das coisas, *conhecê-las por dentro*, investigar não apenas as causas mas até a constituição mais íntima dos fenómenos da natureza. A curiosidade é o espevitador psicológico de duas perguntas que podem desprender-se ingènuamente dos lábios de uma criança, ou torturar o espírito investigador dos maiores sábios: — *Como?* — *Porquê?*

A curiosidade científica é uma curiosidade fecunda. Nasce de uma suspeita estimulante, talvez ao faiscar na mente qualquer luminosa intuição, e abre caminho às conquistas da ciência, levando a descobrir, para além da névoa cinzenta da ignorância e da dúvida, os panoramas aliciantes de tantas maravilhas da natureza.

Passou a era das grandes descobertas de novos mundos «por mares nunca de antes navegados». O orbe terrestre foi já àvidamente percorrido em todas as direcções. Penetrou-se o mistério da selva indiana. Desbravaram-se, em boa parte, as florestas virgens da América interior. Cruzou-se a monotonia ardente do deserto africano, em tanta variedade de sentidos. A fascinação das altas montanhas atraiu até às cumeadas e picos eternamente gelados a audácia de inúmeros alpinistas, e a tristeza gelada nas regiões polares foi já devassada pela ânsia de tudo ver.

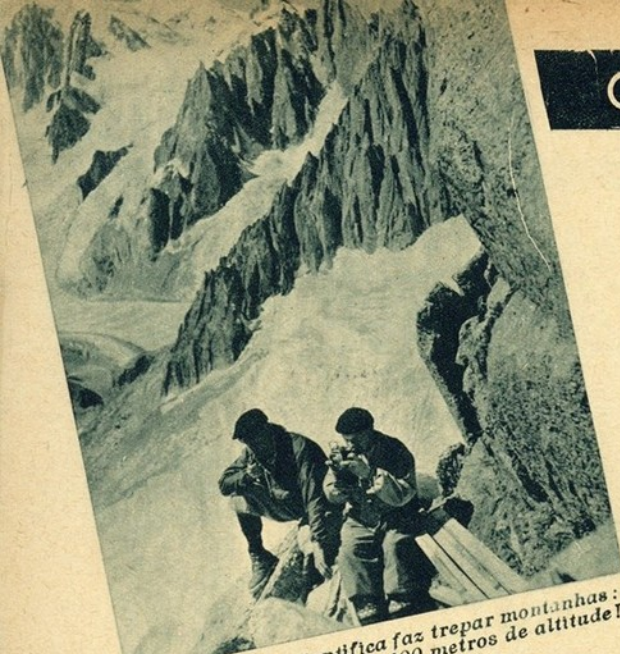
Como se ainda não bastasse, a curiosidade levou o homem a mergulhar nas profundidades marinhas, tão ciosas dos seus segredos. Por outro lado, nos observatórios, em vigilante alerta, prescrutam-se emocionadamente a vastidão imensa do firmamento onde gira, em órbitas de luz, a poeira incontável dos astros.

Terra, céu e mar foram, assim, curiosamente investigados pelo homem. Nem é possível condensar aqui tudo quanto o espírito humano conseguiu decifrar nos enigmas da natureza e observar no vasto panorama geográfico, astronómico, físico, químico, geológico, biológico... E ao cabo de tantos séculos de pesquizas, que horizontes novos não solicitam ainda a curiosidade de quem quizer abrir dois olhos alumiados pela inteligência, ante as perspectivas cheias de promessas que se rasgaram, sobretudo neste século de assombrosa projecção científica!

A Astronomia, dotada de aparelhagem óptica potentíssima, e cada vez mais aperfeiçoada com modernas aquisições técnicas, sonda pacientemente o mistério dos astros e, muito mais que enumerá-los e seguir-lhes a trajectória, logra fotografá-los e analizar mesmo a natureza físico-química dos materiais constituintes de tantos desses mundos espalhados pelo universo.

A Química ainda não nos deu a *soma total* dos elementos existentes na crusta terrestre. E se a técnica laboratorial tem progredido, permitindo a satisfação de um maior rigor de *análise*, não há dúvida que, presentemente, é o anseio de realizar novas *sínteses* que mais estimula a curiosidade experimental dos químicos. De uns 300.000 corpos orgânicos, hoje em dia conhecidos, não é à indústria química que se deve a maior parte deles?

Entretanto o microscópio abre à química biológica horizontes de aliciadora sugestão para novas pesquizas. A complexidade, porém, das substâncias protoplásmicas, envoltas no próprio mistério da Vida orgânica, põe à prova a delicadeza das mais rigorosa análise micro-química celular.

Por outra parte, está muito longe de ter satisfeito definitivamente a ambição dos sábios contemporâneos, o tesouro de conhecimentos conquistado no terreno científico da Física. As prodigiosas invenções que este meio século fica devendo à curiosidade realizadora do homem, são afinal forte estímulo e promessa assegurada de outras muitas conquistas. A par da rádio-telefonia, que tão profundamente influiu na fisionomia social da vida moderna, os progressos técnicos que em múltiplos aspectos da industrialização aceleram vertiginosamente o ritmo da produção fabril, a audaciosa construção de soberbas aeronaves capazes de assombrar o próprio Júlio Verne..., as perspectivas fantásticas mas tão dolorosamente rasgadas pela energia atómica, a televisão bem prestes a divulgar-se na vida corrente e o genial *Radar*, sistema de rádio-localização por meio de reflexão de ondas hertzianas; eis, apenas enumeradas, algumas das numerosas invenções que imprimiram impulso vigoroso ao avanço da ciência física.

Os Geólogos, numa ânsia justificada de curiosear a constituição íntima da crustra terrestre, prosseguem, com tenacidade, as suas explorações. Mais ainda que o conhecimento *macroscópico* das rochas e minerais, leva-se a investigação até ao pormenor tão elucidativo que as *observações microscópicas* oferecem às exigências rigorosas da análise. Entretanto, estudos experimentais da incidência dos Raios X na matéria cristalina, esclarecem a interpretação do arranjo espacial dos átomos nos minerais.

E que dizer, então, do entusiasmo com que na Biologia se investigam os problemas mais delicados da Vida orgânica, cuja complexidade esconde, por ora, tantos segredos à curiosidade humana? Se a fisiologia levanta, perante o biólogo, densa cortina de interrogações, é, ainda, do conhecimento cada vez mais permenorizado da estrutura microcópica da célula que na hora actual se esperam ansiosamente preciosos elementos de solução para tantos dos problemas da vida animal e vegetal. Nem admira que a curiosidade dos modernos cientistas se debruce, com emocionada espectativa, sobre o recentíssimo *microscópio electrónico* que permite já conseguir fantásticas ampliações de 100.000 e até de 500.000 vezes o tamanho dos objectos observados! Só assim foi possível evidenciar, por exemplo, gérmes patogénicos cujo diâmetro anda pelas milionésimas de milímetro!

Deste apressado relance pelo mundo científico, fica-nos certamente a impressão real de que, nos dias de hoje, a atenção dos investigadores, como que desinteressada, até certo ponto, das coisas muito *grandes*, é atraída, de maneira significativamente preponderante, em muitos sectores da física, da química, ou da biologia, para a constituição íntima de coisas que quase poderíamos dizer *infinitamente pequenas*.

Nada, porém, coroará melhor tamanho esfôrço humano, na reveladora conquista de novos domínios para a Ciência, do que admirar em todas essas maravilhas da natureza, o reflexo divino do Supremo Senhor e Criador de todas as coisas.

J. C.

Não é preciso chorar para declarar — não fui eu! — se te voltasses logo para mim e francamente me dissesses: — Não fui eu! — acreditava-te mais depressa do que assim sem olhares a direito. Sabes que os olhos mentirosos não olham a direito; mas eu sei que falas verdade, sòmente é preciso cada vez mais coragem e ter opinião. Não é uma opinião qualquer mas sim a que vem da nossa consciência. Tu, que te interessas tanto por coisas curiosas, pega em ti e observa-te como observas as côres das borboletas e a vida dos pássaros. Ainda que seja muito custoso, segue sempre com coragem aquilo que te propões fazer com a consciência nas mãos e com o olhar em Nosso Senhor. Rezar não é tudo; ouviste, Jorge? Agrada-te este programa?

Maria Antónia, sem dar ao Jorge tempo de responder, passou-lhe a mão pelo cabelo e propoz, voltando-se para o Zé:

— E se nós fossemos estudar um pouco de latim?... Piscando o olho acrescentou: Por hoje está encerrada a audiência.

(Continua)

EM FRENTE DO TEU LAR... DA VIDA QUE DEUS TE APONTAR

SE já hoje soubesses o que virias a ser, como acalentavas os mil projectos que te diziam respeito?

Vais casar? Com que carinho preparas o teu enxoval, a tua roupa de casa, como pensas e tornas a pensar na tua casinha, no teu ninho que antes de tudo queres confortavel, acolhedor... Quase sonhas com os teus moveis, as cortininhas engomadas, as flores a enfeitar aqui e acolá, o jardim pequenino mas a verdejar...

Tens ambições intelectuais? Queres ser escritora ou poetisa? Então não há estudos que te pareçam demasiados; e as tuas economias vão diminuindo enquanto aumentam os livros que enchem prateleiras e estantes da tua biblioteca. Se pretendes ser uma talentosa pianista, passas o dia a percorrer o branco e preto do teclado, a correr aqui e além a ouvir os melhores artistas, ou entregue a outras artes, trabalhas, cansas-te, ralas-te para vir a ser alguém...

Tudo isto... pelo futuro!

O presente agrada-te, vives feliz graças ao Senhor; e se algumas aflições te atormentam, vês a vida maior diante de ti do que para trás. O que passou... lá vai! E o que lá vem... tudo merece da tua parte... ainda que seja vago, impreciso, envolto em sonhos.

Pois bem: uma coisa tu hás-de ser antes de tudo. Uma vocação certa tu tens. Aqui ou além, rica ou pobre, em qualquer circunstância tu terás a vocação de ser mulher, e até quase diria, de ser mãe, porque toda a mulher é chamada a dar-se, a ser generosa, a ser o amparo dos outros quando o Senhor não lhe conceda uma santa vocação de família.

Aquilo que levas contigo, mas fora de ti, roupas, livros, sei lá... dinheiro, pela vida fora e enquanto estiver a uso, há-de ser para contigo servir para qualquer coisa.

Imagina que o teu enxoval estava destinado a ficar para sempre em arcas antigas... ou que os teus livros se haviam de desfazer em pó sem qualquer mão lhes tocar... ou o teu piano devia emudecer a um canto da sala...

Que triste não era!... A tua ambição não é essa decerto: é que tudo quanto levas sirva, se aproveite, se utilize...

Levas ainda dons intelectuais, riquezas de cultura, e quem dera que fôsses milionária neste sentido, porque há horas de tranquilidade para aprender que não voltam, e mil ocasiões de serem uteis depois.

Enfim, tudo é voltar ao mesmo: hoje que os anos te pesam pouco, olhas mais para a frente do que para trás. Pensas mais no que hás-de ser do que no que já foste. Na verdade, quando te lembras do passado, tudo te parece ainda que tem cunho de criança. A vida a valer... só agora começa!

A tal vocação que ainda virá longe, só Deus o sabe, começa a atrair-te, a prender-te. Não queiras também prescrutar demais os designios de Deus a teu respeito. E' preciso saber esperar, é preciso sobretudo saber preparar...

Sim, porque tu podes levar para a tua vida talvez poucos bens, poucos haveres, podem as circunstâncias tambem não te ajudar a conquistar diplomas brilhantes e variados. Mas tu... pròpriamente tu, como vais para esse caminho doirado que um dia hás-de trilhar?

Tu como rapariga, como mulher de amanhã, capaz de ser uma presença ali onde estiveres, onde fôr o teu lugar, entre alegrias e contrariedades?

...Capaz de ser uma presença...

Que significam estas poucas palavras?

Olha: quando se é pequenino, tudo se nos afigura depender da mãe. Na realidade assim é: quem a pode verdadeiramente substituir? Quem acarinha como ela, e quem ralha com a convicção e o interesse da mãe? Os primeiros traços a conhecer, os únicos que despertam aquele sorriso de compreensão, são os da mãe; o colo diferente em que os gritos de aflição se calam, é o da mãe. Veem os primeiros passos... para a mãe; veem as primeiras palavras... para ela tambem. Já por ai fora... Lembra-te do que já foste, repara no que vês à tua volta.

Vem mais tarde uma crise de independência. E' natural, é necessária para o desabrochar da personalidade; e nela talvez te afastes daquela que era tudo para ti. Deus queira que não fujas demais, porque mais tarde voltarás compreendendo, sobretudo se fores mãe por tua vez.

Olha agora doutra maneira: os anos passaram, os cabelos embranqueceram e as forças vão faltando — e de novo olhos ternos se volvem para a figura da mulher. A vèlhice precisa do carinho da gente nova, é a sua razão de ser, é o seu futuro de certo modo aquela que sendo filha, muitas vezes já revive o que se passou. Se a criança vê o futuro, o velho compraz-se em relembrar o passado. E esse futuro e esse passado, são uma única figura: a mulher.

Pensa agora na vida forte, na vida presente. Tudo o que se move e agita pela força do homen, pelo homem na força da vida. Do rapaz ao homem maduro, quantas preocupações, quantas canseiras necessárias ao bem da humanidade. E esse rapaz, a quem a figura da mãe não esquece, se ela é daquelas que não atraiçoa a sua nobre missão, precisa agora de outra figura de mulher, mais irmã da sua, mais próxima destinada por Deus a completar o seu ser, a acompanhá-lo na vida.

Será ela uma presença?

Será ela uma autêntica presença na sua vida, um motivo de engrandecimento, ou uma ocasião de dissipação, de desvio, de diminuição?... Tôda a vida do homem reflecte uma vida de mulher. Será presença ou ausência? E nas ocasiões difíceis, nos postos arriscados e ocultos, com quem se conta senão com a mulher? Lá vem ela a sentir mil problemas sociais que o homem não espera, embora seja ele muitas vezes a solucioná-los depois.

É sempre ela o centro, ponto activo embora desconhecido de grandes destinos da humanidade.

Isto vens tu a ser com certeza: és rapariga, serás mulher. Vais ser uma presença, ou alguém que ocupa um lugar, mas traz consigo um vazio... Não tens escolha!

Os teus sonhos de futuro hão-de ser belos, hão-de ser grandes. Para eles tu vives, assim Deus te pôs no coração esta ânsia que é própria de gente môça e que dá asas para vencer na vida, para escrever com ela uma página linda levando sempre adiante um ideal, e nas mãos uma alma ardente.

Mas para eles hás-de ir amealhando, hás-de ir juntando, enriquecendo. Levas muito contigo, ainda bem; mas muito mais hás-de levar em ti.

Tu é que hás-de ser um tesouro vivo!

Com os olhos nesse futuro ambicionado hás-de ir com o suor do teu rosto, dia a dia, cantando de entusiasmo é certo, mas ás vezes penando na luta, conquistando-te a ti rapariga, enfeitando-te, burilando-te...

Só isto vale a pena .. O resto passa, as coisas envelhecem, as pessoas cansam... só os corações ficam sempre jovens, quási diria, cada vez mais jovens à medida que a virtude vai sendo maior.

Vocação da mulher: uma presença viva!

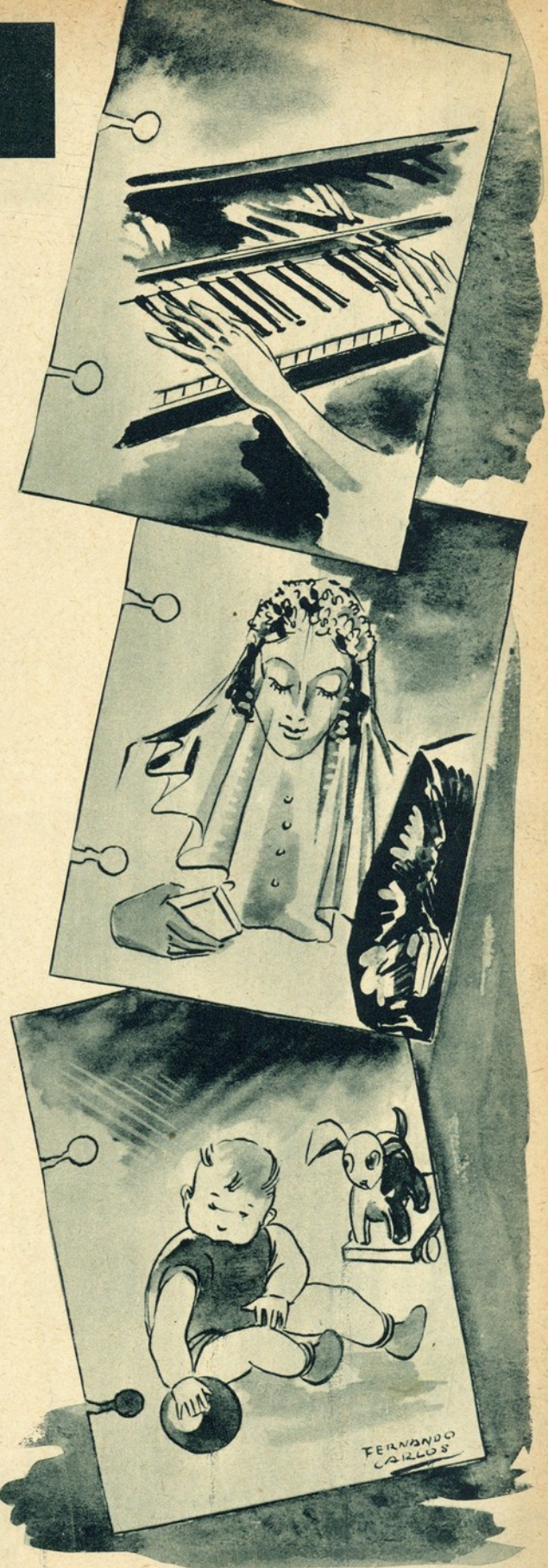
Nunca um corpo presente, nunca um motivo de alvoroço para os outros, nunca sobretudo um pêso... mas antes aquela para quem se olha e de quem se vive desde a hora do nascimento à hora da morte... aquela a quem se recorre, aquela cuja falta se sente em tudo e cuja presença é sempre doce...

Ela, a mãe, a consoladora, a servidora...

És nova para saberes o teu caminho. Mas quando vier o dia de o pisar, de partir sorrindo, de partir cheia de confiança, que possas sentir, ainda que humilhada porque a Deus tudo deves, que amealhaste em ti, que não vais ôca, que não vais à espera da necessidade para agarrar a virtude...

Então sim. Onde estiveres...

...serás uma presença viva!

Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis

1

2

3

Os penteados à MODA

1 — Tranças enroladas. Muito juvenil. Favorece a nuca que põe em evidência.

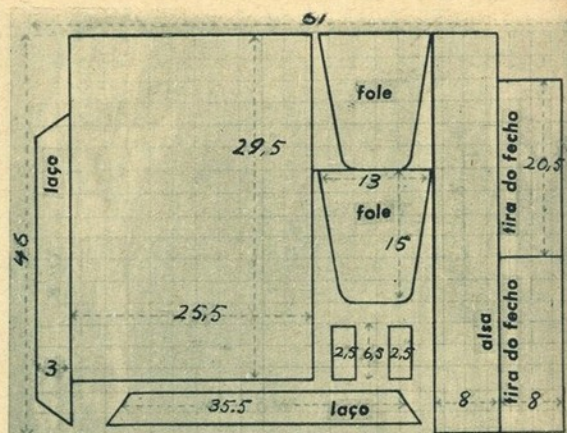
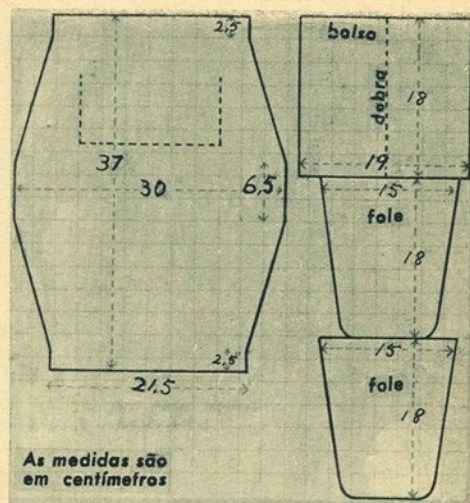
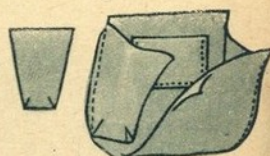
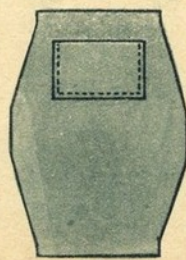
2 — Nada de permanentes encarapinhadas. Risco ao meio. Cabelos lisos com uma vaga ondulação. Grande rôlo espalmado na nuca e seguro por uma rêde fina.

3 — Risco ao meio. Ondas largas. Nada de poupas exageradas. Rôlo ou largo trôço de cabelo enlaçado.

1

2

3

4

5

Noivas

Conforme me escreves, Paula, a questão da «carteira» ou «malinha», é um assunto muito importante, já pelo preço disparatado que hoje atingiram estes acessórios, já pela sua necessidade como complemento da «toilette» duma senhora.

Muitas vezes não é propriamente o vestido que torna uma mulher elegante e chic. Seja este simples e correcto de forma e côr que aguentará muito tempo sempre bem, sem cansar ou estar fora de moda desde que se use com acessórios diferentes. Para o teu enxoval combina portanto acessórios, vestidos e casacos de forma a que combinando todos entre si possas obter efeitos diferentes consoante os usos com este ou aquele vestido. Certos vestidos, combinados com determinados acessórios podem ser usados de manhã, em compras ou passeios, e mudados estes tomam um aspecto de cerimónia e serão usados de tarde para visitas.

São, pois, os acessórios ponto importante e caro. Resolveremos este problema fazendo-os nós mesmas.

Aqui tens uma linda bolsa para fazer. Bem executada fica elegantissima!

Pode ser feita em feltro, pano, «piquet», ou seda.

Seda para muita «toilette», «piquet» branco para o verão. O feltro será de todas a mais prática e a mais fácil de execução. Feita em feltro encarnado vivo com sinto igual ficará um encanto tanto para o inverno como para o verão e pôr-se-á tanto com fatos brancos e imprimés (condisentes) como com preto, «tete de negre», azul marinho, cinzento claro, côr de areia, xadrez ou riscas, preto e branco, azul e branco, castanho e branco e alguns tons de azul chumbo. — O cinto far-se-á comprando uma fivela de lata (há-as de todos os tamanhos) e uma fita de «gros-grain» branca do tamanho e largura desejada. Pesponta-se à beira a tira de feltro sobre a fita branca, tanto para que não estique como para com o calor não debotar sôbre os vestidos claros. A fivela forra-se facilmente cosendo a ponto de luva pelo lado de baixo. Ficará igualmente bonito fazer uma ou duas papoilas vermelhas para a lapela do casaco ou decote do vestido.

Não te parece bonito?

Já te vejo a fazê-las Paula.

M. B.

Faça esta linda malinha.

Estas medidas são para feltro. Querendo fazê-la em tecido ter-se-á que dar mais 2 centimetros para bainhas.

N.º 1 — Corte pelas medidas a carteira em feltro: (ou outro tecido) tampo, e 2 foles, uma alça, 2 pedaços a direito para o fecho, 2 fitas para os lacinhos e 2 pedacitos para o centro dos laços.

N.º 2 — Corte em «esparterie» ou filó duro (usado para chapeus) um tampo deste feitio com estas dimensões, que será colocado entre o feltro de fora e o forro interior.

N.º 3 — Corte num pedaço de «moiré» de algodão da côr da carteira estes moldes do fôrro.

N.º 4 — Dobre a fazenda para a algibeira. Coloque-a e pesponte-a à máquina.

N.º 5 — Alinhave e depois cosa à máquina os foles do fôrro observando umas pinçasinhas» nos cantos.

N.º 6 — Coloque a «esparterie» e segure-a às costuras do fôrro com um ponto ligeiro à mão.

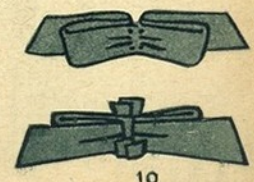
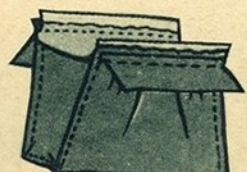
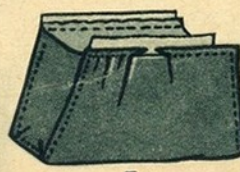
N.º 7 — Cosa à máquina (separadamente do fôrro e intertela) os moldes de feltro. Não faça bainha; o feltro não desfia. Pesponte à máquina com muito cuidado para as costuras ficarem bem direitinhas. Coloque o fôrro e entertela dentro da parte de fora já feita, (em feltro). Faça duas pregas e um ligeiro franzido de cada lado. Prenda à parte sólida de dentro com um alinhavo miudo.

N.º 8 — Pesponte (com costura por dentro) as tiras que formam o fecho. Veja que não faça pregas ou franzidos. Arranje 2 tiras de cartão duplo, bem duro ou duas reguasitas de madeira fina. Vire sobre estas o pano para o interior e cosa a ponto de luva com muito cuidado. Dobre uma beirinha ao feltro da alça e pesponte à máquina. Coloque esta (franzindo ligeiramente as bases) por fora do fecho; e por cima, a rematar, o laço de feltro pespontado à máquina na beirinha mas sem dobrar.

N.º 9 — Bolsa pronta.

N.º 10 — Como se fazem os laços para que não fiquem grosseiros e enchumaçados.

A argola encontra-se com facilidade nas casas de estofador. Uma argola de cortinados lisa serve contanto seja doirada.

Para maior segurança, por-se-à por dentro um fecho «eclair» cose-se a uma tirinha ou fita que se entalará ao coser por dentro a ponto de luva as tiras de feltro que cobrem as réguas de madeira ou cartão.

6

7

8

9

10

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA RAPARIGA SIMPLES

I

Guida chega a Lisboa

A elegante Maria Luisa, rapariga de quinze anos, estava diante do seu toucador a vincar com água as ondas do cabelo, quando Tomé, o irmão, meteu a cabeça esgrouviada pela porta dentro.

— O quê, Tomé, ainda cá estás?! E' tardissimo, corre para a estação!

— Estava à tua espera! — respondeu o rapaz, entrando.

— Não posso ir. Com este vento horrivel escangalhavam-se logo as minhas ondas: o que diria a Guida se me visse esgadelhada? Não vou.

— Achas, então, justo que eu tenha de ir, sòzinho, esperar uma rapariga que nunca vi e com quem não m'importo? — retorquiu Tomé, indignado.

— Que remédio, meu rico, tens de ir.

— Uma boa espiga, é o que é! — tornou Tomé, tirando da algibeira uma mão cheia de pevides, que meteu na boca para acalmar a sua indignação.

— Tinhas dito que ias tambem; mas as raparigas não fazem nunca o que dizem, é sabido — e o jovem Tomé mostrou um ar de dignidade ofendida que os cabelos côr de cenoura, o nariz arrebitado, o ar esgalgado e desastrado, desmentiam completamente.

— Não te zangues, Tomé: logo que a Guida se fôr embora, juro-te que hei-de conseguir da Mãe que convide o teu amigo Pacheco!

— Sério? — e Tomé amansou logo.

— E quanto tempo fica a tal Guida?

— Não sei: dois meses ou três, naturalmente. Verás que amor que ela é! Vais adorá-la, Tomé!

— Não me parece — resmungou Tomé que, com os seus desastrados quatorze anos, tinha um vago desprezo pelo belo sexo.

— Vê como te portas; e corre para o Rossio, senão não chegas a tempo! — e Maria Luisa empurrou o irmão para fora do quarto.

Quando Tomé chegou à gare, entrava, justamente, o comboio da Beira; e, momentos depois, despejavam-se as carruagens. Tomé, perplexo, pensou:

— Como hei-de conhecer a tal menina? Podia ter-se deixado ficar na Beira, não fazia cá falta nenhuma...

Neste momento, uma rapariga alta e elegante, uma malinha numa das mãos e uma chapeleira na outra, passou a seu lado.

— E' ela, com certeza — disse ele de si para si. E, avançando para a rapariga, tentando dominar o seu acanhamento, perguntou:

— E' a sr.ª D. Margarida de Lemos, não é?

Mas a menina, com ar feroz, respondeu, apressada:

— Nem Margarida nem Lemos, seu toleirão! — deixando o pobre Tomé, envergonhadissimo, torcendo o boné nas mãos.

Já tinham saido todos os passageiros, quando o rapaz viu uma pequena da sua idade, còrada e risonha, aproximar-se dele.

— E' o Tomé, não é?

— Como é que me conheceu?!

— A Maria Luiza tinha-me feito a sua descrição: o cabelo ruivo... quer dizer... loiro; um boné cinzento...

— Tem a guia da bagagem? — cortou ele.

— Já a dei ao carregador. Olhe, lá vai ele a chamar-me um táxi.

Pouco depois, entravam os dois no taxi, sem que Tomé tivesse tido o menor trabalho.

— Que desembaraçada! E bonitota, para mais — pensava Tomé.

—Não se parece nada com as serigaitas amigas da Maria Luisa...

— Porque é que a Maria Luisa não me veiu esperar? — perguntou Guida.

— Teve mêdo de escangalhar o arranjinho...

— Qual arranjinho?!

— As ondas do cabelo.

Guida riu e tornou:

— Aí está uma coisa que não nos importa a nós dois, com o nosso cabelo encaracolado.

Tomé sentiu-se lisongeado pela comparação do seu cabelo ruivo com os caracois castanhos e sedosos de Guida. E, querendo mostrar-se amável, tirou da algibeira outra mão cheia de pevides e ofereceu-as à sua companheira. Mas, como ela as recusasse com um sorriso, Tomé lembrou-se do desprêso da irmã pelas pevides... Ficou envergonhadissimo e pôs a cabeça fora da vidraça, com um ar assarapantado.

— O que há? — perguntou Guida — Aconteceu alguma coisa?

— Desconfio que o chauffeur está bêbado.

— Bêbado! — gritou Guida — Mande parar já, antes quero ir a pé!

— Não se assuste: vou para o pé dele — e mandando parar o carro, Tomé instalou-se no lugar da frente.

A pobre Guida seguiu cheia de susto todo o caminho; e só descansou quando se apearam à porta da luxuosa casa da familia Coutinho.

Entre Maria Luisa e Guida o contraste era enorme! Enquanto uma mostrava na sua maneira de vestir, por exemplo, todos os exagêros da moda, a outra vestia simplesmente; o penteado duma era uma infinidade de caracois, canudos, ondas em todas as direcções; o cabelo de Guida, cortado junto ao pescoço, e ondeado naturalmente, emoldurava a sua cara rosada.

As duas raparigas tinham-se conhecido em Sintra, em casa de uma amiga de Maria Luisa, e logo simpatizaram uma com outra. Guida encantara-se com as maneiras finas de Maria Luisa; esta, nesses dias que passara no campo gosando uma vida alegre e simples, achara um especial encanto na naturalidade e na doçura de Guida. Por isso, antes de voltar para casa, Maria Luisa pedira aos pais de Guida para a deixarem passar uma temporada em Lisboa.

E cá chegara ela agora, a sua querida Guida!

— Deves estar estafada, coitada! Estende-te já em cima da cama — disse Maria Luisa, amavelmente, enquanto mirava a amiga dos pés à cabeça.

— Qual! — respondeu Guida — sinto-me òptima. Se não fôsse o susto por causa do «chauffeur»...

— O que foi?

— Estava bêbado! O que valeu foi a coragem do teu irmão: saiu logo do carro e sentou-se ao pé do homem.

— Tudo isso me parece uma bela invenção do Tomé: nem o homem estava bêbado nem era preciso o Tomé ir ao pé dele.

— Mas para que faria ele isso?! — perguntou Guida, sem compreender.

— Detesta raparigas, sabes? e arranjou uma maneira de sair do pé de ti.

— Mas ele até me pareceu amàvel, coitado...

— Manias! Os rapazes daquela idade são todos horriveis; mas o Tomé é do pior...

Guida sentiu-se desapontada; e, no intimo, resolveu evitar intimidades com o terrivel Tomé.

Mudando de conversa, extasiou-se diante da elegância da sua instalação.

— Que belesa de quarto! Que cortinas tão bonitas! Que toucador tão engraçado! — exclamou ela, abraçando Maria Luisa com gratidão.

— Ainda bem que gostas; mas escusas de fazer esse espalhafato diante das outras raparigas, vê lá! fazem troça de ti.

— Mas porquê? Eu lá em casa tenho um quartinho muito alegre, mas sem luxo nenhum: tudo isto é novo para mim.

— Chamam-te logo provinciana, simplória, bota de elástico, e outras coisas assim.

Enquanto tu cá estiveres, Guida, talvez eu falte algumas vezes ao curso; sinto-me fraca e sem pachorra para os estudos, e a Mãe já me deu licença para não pôr lá os pés.

— Mas assim esqueces tudo o que aprendeste! Acho que não deves faltar, Maria Luisa.

— Só se tu vieres tambem, queres?

— Eu gostava; mas os meus vestidos são tão simples... — e Guida, instintivamente, comparava o seu fato de saia e casaco com o vestido elegante de Maria Luisa.

— Não te rales com isso; eu tratarei de te pôr à moda. Tens de encurtar as saias, pôr «rouge» na cara, pintar os beiços...

— Deus me livre, Maria Luisa! O meu Pai ficava zangadissimo se eu pusesse, seja o que fôr, na cara! Nem eu gostava. Nunca farei tal coisa; e então na minha idade!! Oh Maria Luisa, que ridiculo! — e Guida riu, à evocação da sua cara avermelhada pelas drogas e os seus beiços cobertos de escarlate!

Foram interrompidas nesta interessante conversa por um berro estridente; e, momentos depois, abriu-se a porta do quarto e uma pequena de sete anos correu a refugiar-se nos braços de Maria Luisa.

— Foi o Tomé! Foi o Tomé! — gritava ela entre lágrimas — Tirou a Clara do berço, e pegou-lhe por uma perna... e...

— Cala-te, Malvina: não vês que a Guida está espantada com os teus berros? Já tocou para o jantar; vai lavar as mãos e vamos para baixo!

Malvina olhou, espantada mas acalmada, para Guida; e Guida, sem querer rir para a não melindrar, perguntou a Maria Luisa:

— Quem é a pobre Clara, que o teu irmão levou por uma perna?!

— E' a minha filha! — gritou Malvina — e é aleijada! e é dela que eu gosto mais!

— Bem, bem, Vina, não se fala mais

nisso — atalhou Maria Luisa, e seguiram para a linda e enorme casa de jantar, onde os pais de Maria Luisa esperavam a sua hóspede.

A' mesa do jantar lá estava Tomé, com a sua cabeleira ruiva menos despenteada, e os olhos postos na pobre Guida, observando todos os seus gestos.

O sr. Coutinho, com um ar preocupado, estendeu-lhe a mão amavelmente; e D. Maria José, senhora pálida de aparência doentia, abraçou-a, dando-lhe as boas vindas.

Estava tambem a avó, D. Eugenia Coutinho: senhora um pouco solene, de bandós brancos e grandes óculos, que declarou, examinando Guida:

— A menina é o retrato vivo de sua mãe! E como está ela, minha filha?

Colocada entre esta senhora e Tomé, Guida parecia triste e acanhada.

Durante o jantar Maria Luisa nunca se calou; e Malvina rabujou com tudo, sem que ninguem fizesse caso da sua rabujice. Guida sentia-se tão estranha!

E recordava os jantares da sua casa, onde reinava sempre tanta alegria...

Acabado o jantar, com alivio de Guida, Maria Luisa teve de ir provar um vestido; e a familia toda dispersou, deixando Guida, sòzinha, entregue aos seus pensamentos, na grande e elegante sala.

Estava acesa a chaminé; e como, das paredes pendiam lindos quadros, Guida começou a passear pela sala examinando as pinturas e cantando, baixinho, uma canção da Beira.

Começava já o segundo verso quando viu entrar D. Eugenia, e sentar-se numa das poltronas ao lado da chaminé.

— Ah, minha filha, como gosto de ouvir essa cantiga! Lembra-me tempos passados, já tão longe de mim... Continue, Guidasinha, peço-lhe que acabe essa canção encantadora!

Guida, apesar de envergonhada, não quis fazer-se rogada; e a sua voz infantil muito fresca e afinada, entoou, até ao fim, o «Santo Antão» da Beira.

— Não me quer cantar mais umas cantigas da sua provincia? — pediu D. Eugenia.

— Pois sim, minha senhora — respondeu Guida, que tinha sido educada no respeito das pessoas de idade. E perdendo o seu acanhamento, cantou todas as velhas canções beirôas que sabia. A boa senhora estava tão deliciada, que nem ela nem Guida deram pela entrada surrateira de Tomé, cuja voz se ouviu, de repente:

— Você canta de uma maneira estupenda! Cante mais, sim? — e a sua cabeça ruiva surgiu por traz da poltrona onde se escondera.

A sua intervenção, porem, não foi bem acolhida; e Guida disse, secamente:

— Não posso cantar mais — indo sentar-se ao pé de D. Eugénia, enquanto Tomé desaparecia rapidamente.

— A menina não se admire de me ver olhar para si a todo o momento — disse D. Eugenia, pondo-lhe a mão em cima do ombro — dá-me tanto gôsto ver uma rapariga verdadeiramente simples...

— Então a Maria Luisa e a Malvina?... — murmurou Guida, interrogativamente.

— Qual! — cortou D. Eugenia — A Maria Luisa tem imensas pretensões, infelizmente, e só pensa nos trapos, nos «flirts», no cinema, nas danças. E a Malvina, coitadita, é uma criança cheia de mimo, sem a menor educação... Uma pena!

D. Eugenia suspirou:

— Sabe o que lhe digo, Guidinha? é que a sua mãe é uma pessoa cheia de bom senso. A menina entende-me?

— Eu não, minha senhora — respondeu Guida, respeitosamente.

— Pois eu lhe explico. No meu tempo, as crianças não andavam sempre numa roda-viva de festas e danças e «matinées» de toda a espécie; levavam uma vida sã, com passeios, estudos e divertimentos apropriados à sua idade. Ora eu julgo ser essa a educação que a menina tem tido.

Guida ouvia estas considerações com toda a deferência. Quando a vèlhinha se calou, perguntou-lhe, apontando um grande retrato a oleo, ao fundo da sala:

— Era o seu pai, sr.ª D. Eugenia?

— Era, sim, minha filha; um belo homem, como vê; o verdadeiro fidalgo, nas maneiras e na educação. Mas queria as suas filhas educadas praticamente, sabe? Nunca hei-de esquecer o prémio que ele me deu um dia...

— Prémio de quê, minha senhora?

— Se eu lhe pedisse para adivinhar, a menina podia estar horas a puxar pela cabeça... Estabeleceu um concurso, entre as minhas irmãs e eu... de passagens nas meias!! E fui eu que recebi o prémio: uma caixa de sabonetes Coty.

Guida riu com gosto. Nesse momento, porém, Maria Luisa rompeu pela sala com uma noticia sensacional: a sua amiga Bel (e vais ver, Guida, o que é uma rapariga chic a valer! informou Maria Luisa) telefonou a convidar para o teatro esta noite!

— Vai ser estupendo, com certeza! — concluiu, contente.

Guida, excitadissima, observou:

— Mas o que hei-de eu vestir, Maria Luisa? Achas que o meu vestido azul serve?

— Vamos já ver isso tudo — respondeu Maria Luisa.

(Continua)

CONVERSAS

Se querem que eu fale bem sinceramente — declarou Berta enquanto se sentava à mesa — não me apetece, hoje nada tratar de coisas sérias.

— Oh Berta! Que ideia é essa? tem telha, *mesmo!*

— E porque é isso, Berta? — perguntou o pai.

Berta respondeu, rindo:

— Porque o entrudo ainda está no meu espirito, Pai.

— Pois o assunto que escolhi para hoje, meninas, nada tem de carnavalesco: é o Dante!

— Dante??? — murmurou Carmo.

— Eu conheço muita coisa da Divina Comédia; que maravilha! — disse Angélica.

— Não deixem, peço-lhes, de saborear este creme de tomate: é a melhor sopa do mundo! — declarou Júlia.

— Lembro-me que Dante Alighieri nasceu em Florença no ano de 1265.

— Idade Média, ainda, ou já Renascença? — perguntou Maria do Rosário.

— A tua pergunta é interessante, Rosarinho; e, na verdade, se foi em plena Idade Média que Dante (cujo nome era Durante) nasceu, teve através da sua vida de 56 anos, em si, e na sua obra, o espirito do Renascimento: isto é a opinião de muitos eruditos.

Mas o que mais interessa na Divina Comédia sabem as meninas o que é? — tornou o Dr. Menezes.

— A beleza dos versos — disse Alexandra.

— A imaginação do Dante — lembrou Angélica.

— A meu ver — continuou o pai — uma das coisas mais admiráveis no genial poema (que tem sido o objecto dum estudo *profundissimo* de grandes sábios) são os vários **simbolos** que contem a Divina Comédia.

— Diga alguns, Paisinho.

— Assim — continuou o sr. Menezes — quando o Dante se vê *numa floresta escura*, como ele diz no principio da parte do poema que se chamou «*Inferno*», essa floresta escura representa, de facto, a escuridão em que vivia *o seu espirito*, ou seja, a ignorância. Encontra, então, três feras terriveis que lhe embargam os passos; e essas feras são tambem simbólicas: a *pantera* representa a sensualidade — o *leão* a ambição ou a soberba — a *lôba* significa a avareza...

— Que complicado que é isso tudo... — gemeu Maria do Carmo.

— A figura de Virgilio que aparece, então, para guiar Dante no Inferno, tambem é simbólica Pai? — perguntou Angélica.

— Sim, filha: Virgilio representa a ciência humana. Assim como mais tarde, à entrada do Céu, (onde Virgilio não pode entrar por ter sido pagão e ter vivido antes da vinda de Jesus Cristo) aparece Beatriz personificando a ciencia divina, a graça!

— Que interessante isto é... — disse, pensativa, Maria do Rosário.

— A concepção do poema é, na verdade de um interesse profundo.

E nos nove circulos em que Dante dividiu o «Inferno», por exemplo, colocou ele todos os culpados de quantos pecados existem: os circulos mais profundos e mais estreitos à medida que os pecados são piores!...

— Oh meu Deus, qual é o mais fundo? — perguntou Alexandra.

— O último dos terriveis circulos é o dos *traidores* de toda a espécie: para esses vai a severidade máxima do Dante.

— E os castigos, os suplicios, os horrores? — tornou Alexandra.

— E' evidente, filhas, que uma obra como a Divina Comédia, não pode nem descrever-se durante um almoço, nem comentar-se profundamente — tornou o pai — Mas é importante que tenham todas uma ideia, pelo menos, da grandeza da obra do Dante, em que os simbolos, a filosofia, a ciência e a arte, são verdadeiramente geniais!

— Vou ler a Divina Comédia — declarou Berta.

— E eu — concluiram outras.

— Pois eu... nem tento — disse Carmo, um pouco envergonhada.

O almirante Byrd em traje polar

DESCOBRIRAM-SE...

OITO MONTANHAS, TRÊS PENÍNSULAS, QUATRO BAÍAS E VINTE ILHAS

O titulo pode querer parecer ironia ou jôgo de palavras mais ou menos brincando. A verdade porém é absoluta: em pleno século XX, na tempo do conhecido, do devassado, do dinamismo e das velocidades o homem verifica que além no sul, nos gêlos há terras, que lhe são agora desvendadas pela primeira vez.

E cai pela base a perfeição acabada dos mapas do Antártico, onde os homens tinham marcado, com uma segurança quase absoluta montanhas, aparece uma baía quatro vezes maior que a do Estado Norte Americano de Connecticut, onde se viam mares cobertos de gêlo encontram-se montanhas. E o homem reconhece que afinal, não é tão extenso como se julgava ser o domínio das terras do Antártico. Ainda no terreno das hipóteses o Almirante Byrd crê que uma baía agora descoberta pode estar ligada com o mar de Ross por um estreito, através da terra de Maria Byrd. No século do progresso, da técnica, há ainda terras por descobrir — e a epopeia dos mares é agora uma epopeia dos gêlos.

Uma epopeia talvez mais calculista e menos aventurosa: é que os recursos da técnica estão ao dispor do homem, para o servirem na devassa dos continentes, ainda que esses continentes sejam os dos gêlos polares.

Porém a posição de miragem comercial ou industrial é a mesma: se no século de Quinhentos havia especiarias e marfim nas terras descobertas, no século XX, nos gêlos polares, há potenciais, até agora ignorados de exploração mineira de carvão e de metais vários.

E o homem é sempre o mesmo tambem: como em terras do Brasil ou de A'frica, as tripulações ao desembarcarem ouviam Missa, assim hoje em terras do Antártico com a expedição de Byrd: pela primeira vez se celebra o sacrifício da Missa nos campos quase desérticos dos gêlos do sul.

E' o homem de sempre que na evasão da aventura, homem de carne e osso, encontra um motivo material de estimulo — especiarias ou carvão; é o homem de sempre que pela afirmação do espírito põe nas suas pègadas humanas um sentido de eternidade.

. . . .

Descobriram-se ilhas, peninsulas, montanhas nos gêlos antárticos...

Sabemos tão bem o que são peninsulas! «uma porção de terra rodeada por água de todos os lados menos um» — era assim, que, meninas de vestidinhos curtos, um ar de sabichonas dizíamos de cór o que eram peninsulas, e ilhas e montanhas e estreitos e vales; os mistérios da terra ficaram ali condensados em frases feitas, como se fôsse possível reduzir a frases-esquema a imensidade dos fenómenos geográficos.

E sabíamos que nos polos — uma coisa confusa que a «gente» não entendia bem — havia gêlos eternos. Dos esquimós — os homens que por lá habitavam — vimos mais tarde alguma reprodução em livro de curiosidades ou revelou-nos o «écran» algo da sua vida.

A população é deminuta nas regiões polares; o homem vive da caça — caça ao urso e à rena, e da pesca. A flora é reduzidíssima e quando o esquimó quer uma refeição vegetariana só a encontra por acaso: se matou uma rena que no estômago tenha ainda mal digeridas algumas plantas, o esquimó aproveita-as e faz então um bom petisco. Regra geral a sua alimentação é carnívora — carne de urso, rena ou foca e come-a crua, tendo-a conservado, por vezes, em grandes armazens. E' curioso o modo como se fazem estes armazens, tal como as casas: o homem dos polos corta o gêlo em cubos com um enorme facalhão e é sobrepondo êsses blocos uns aos outros que constrói as suas habitações. A gruta de neve do esquimó tem o nome de *igloo*. Contra o frio o homem dos gêlos usa vestes da pele dos animais que caça, e protege-se ainda comendo, em grande escala, gorduras sobretudo de foca ou baleia, que lhe porporcionam um aumento considerável de calorias.

O homem dos polos não conhece a sucessão dos dias e das noites que dá ritmo à nossa vida; ao dia de 4 meses e tal segue-se um crepúsculo demorado para depois se merguihar numa noite de cerca de 4 meses e meio.

No verão vivem os esquimós navegando pitorescamente em barcos de pele — os Kayaks. E temos falado até aqui de homens dos gêlos sem distinguir o Polo Norte do Polo Sul. É que o Polo Sul é deshabitado — os esquimós são os homens dos gêlos do Norte, do hemisfério boreal. E já que estamos a falar de esquimós, gêlos e polos é interessante lembrar que só em 1911 Amundsen — um norueguês conseguiu fazer tremular no polo sul a bandeira do seu país; Scott chegou depois e morreu tràgicamente no regresso. Byrd sobrevoou em 1929 as terras geladas do Antártico e só hoje em 1947 se fazem expedições sistemàticamente organizadas que descobrem ilhas, montanhas, peninsulas...

Os mistérios da terra, os lugares virgens abrem-se, para que o homem deixe neles marcados o sinal das suas pègadas...

A divisa de Scott: lutar, procurar e não desistir nunca, parece ter sido tomada pelos exploradores dos nossos dias.

M. L. B.

Casa de esquimós, vendo-se ao lado a faca com que é feita

CINEMA

Michèle Morgan com o marido e o filho

A família Granger diverte-se alegremente

Estewart Granger e seus filhinhos

John Brown contempla enternecido a filha com o seu chapeu de «vaqueiro»

Hollywood e as crianças

A Moda — esta Senhora, alta dama tirânica, tem caprichos e... caprichos.

Em Hollywood está em moda a criança — filho de família; não há artistas casados, que não tendo filhos a alegrarem o lar não adoptem uma criança; é caso frequente este.

Denise, John e Maria Cristina são os três miudos mais em voga: Denise é filha de John Coder e Hedy Lamar, John é filho de Doroty Lamour, e Maria Cristina é o encanto de Jean-Pierre e Maria Montês.

Michèle Morgan — a artista da Sinfonia Pastoral — deixa-se fotografar com o marido e o filho; John Mach Brown põe na filha Sally de 3 semanas de idade o seu chapeu de vaqueiro; Estewart Granger prefere entre todos o seu papel real de pai de família.

E' assim a moda, e o casamento que fôra até há bem pouco motivo de declínio no céu de Hollywood do astro que o tentasse, é hoje, por um capricho, fonte de publicidade — o público interessa-se, gosta de saber como são os filhos do artista, se louros ou morenos e quer ver como se veste a mãe dos bébés, etc.

Ainda bem que a moda, cuja tirania é decisiva, se pôs em Hollywood ao serviço da família, da família onde as crianças são a sua razão de ser, e a alegria e o orgulho dos pais. Já não está em moda o divórcio escandaloso e a separação à americana, já se não contam por números quase astronómicos os processos movidos por esposas ou esposos descontentes. Hollywood humaniza-se, urge que a moda se enraize e não participe da momentaneidade de todas as modas. Nesta viragem agora tentada há com certeza uma campanha sériamente inteligente, assim fossem todas as modas orientadas por um espírito de equilíbrio que as racionalizasse.

M. L. B.

1 — Gaia — Colégio de N.ª Senhora da Bonança. Todas se sentem felizes: as que dão e as que recebem... 2 — Um grupo de filiadas rodeia a Mãe contemplada com o berço oferecido pela M. P. F.

Notícias da M. P. F.

1 — Sernache do Bonjardim. «Dia da Mãe»: presentes preparados pelas filiadas. 2 — Grupo de filiadas que tomaram parte na festa da inauguração da Cantina

Querida filiada: é para ti que eu venho relatar a nossa festinha da entrega do berço. Que ela te faça renascer, como em mim fez, mais forte e mais firme o amor pelas nossas Mães queridas.

. . . .

Extinguiram-se as últimas palavras do Hino da M. P. F. e a voz fresca duma filiada encheu o ar num discursozinho sentido e vivido.

Em todos os olhos havia lágrimas, mas, mais do que nenhumas, as lágrimas quentes daquela Mãe que junto do seu bercinho julgava certamente viver um conto de fadas, nos calaram fundo na alma.

Logo, porém, uma canção alegre veio dissipar a comoção que todas experimentavamos. Vários números se seguiram e entre eles um interessante côro interpretado pelas lusitas mais novinhas, mostrando bem que os ensaios não tinham sido vãos...

Mais uns versos «A Mãi» e uma cançaneta «O Berço», que por se amoldarem absolutamente ao carácter da nossa festinha, foram ouvidos, talvez com um pouquinho mais de atenção, e terminou a parte recreativa. Novamente o hino da M. P. F. enquadrado numa marcha alegre e viva, dispôs admiràvelmente ânimo a corações, para a distribuição de roupa que as filiadas e alunas do Colégio fizeram para as 50 crianças que frequentam o Patronato de N.ª S.ª da Bonança.

Finda a distribuição, uma das pequeninas do Patronato veio agradecer às filiadas, o que muito nos comoveu por verificarmos que estas alminhas que ainda ontem não saberiam talvez ser gratas e reconhecidas, hoje o faziam sinceramente. Em seguida, tiraram-se algumas fotos, afim de que um dia se possa afirmar com provas reais o que foi a nossa festinha de 14 de Dez. de 47, pois, para nós, ela jamais se apagará da mente e dos nossos corações.

Uma filiada do Centro 75 — Colégio de N.ª S.ª da Bonança - Douro Litoral

---

VILA-REAL *A maioria do Curso de Dirigentes da Escola do Magistério Primário de Vila-Real, aceitando a minha sugestão, vestiram 120 Lusitas pobres da Escola de aplicação, aonde aos sábados vão dar as aulas práticas da M. P. F.. Fizeram elas os vestidos novos de flanelas e malhas e confeccionaram outros usados,*

Têm-se distinguido pela sua dedicação e orientação as seguintes — Maria de Jesus Monteiro de Sousa, Maria Augusta Andrade, Maria Helena Chorão, Maria José Teixeira, Maria Albertina Alves Sousa, Maria da Glória Almeida, Maria Cândida Correia, Edite Mota, ex-Graduada Chefe de Grupo desta Ala — Olinda Maria de Almeida e Maria Alice Almeida.

Maria Amélia dos Santos Carvalho Lima — Sub-Delegada Regional do C. N. da M. P. F.

"CORTEJO DE OFERENDAS"

Colaboração da M. P. F. "Nesta Linda Cruzada de Bem-fazer"

Era assim a epígrafe do carro que as filiadas da M. P. F. dos Centros N.ºs 7, 5, 3 e 2, engrinaldaram com lindas flores naturais e encheram em diversos compartimentos de animais domésticos!... perus, patos, gançes, galinhas, coelhos e pombos!... grandes cestos cheios de ovos que umas conduziam em suas mãos, levando outras, belas aves, pombos... muito branquinhos como branca e pura deveria estar em tal altura a sua alma de filiada cristã... não só conduzindo satisfeitas a sua oferenda como tambem contentes na representação de muitíssimas companheiras que deram, como pobres que o são, o que lhes ficaria fazendo falta possìvelmente. — Como este exemplo é lindo e edificante!... Dar-se o pouco que possuímos no momento em que muitos dão uma pequena parte apenas, do muito que lhes sobeja!

Quanto, queridas raparigas, seriam abençoadas as vossas esmolas?!... e quanta alegria sentiste certamente, levando aos doentinhos do Hospital da vossa terra um pouco de confôrto adquirido à custa de tantos sacrifícios talvez!! Mas nunca desanimeis... espero que continuareis assim porque uma filiada da M. P. F. deve ser cumpridora e cumprir na nossa organização é obedecer!... Obedecer à caridade... ao carinho... à dedicação a que os nossos corações são chamados para o Bem, seja de que forma ele se vos apresente!...

E para que houvesse um maior relêvo no vosso gesto, não se esqueceu a solidariedade que deve existir entre a M. P. F. e a Mocidade Portuguesa que tão generosamente acedeu ao nosso pedido vindo a guiar o nosso carro um dos seus graduados, contribuindo assim com o seu trabalho e sua cooperação representativa para a mesma linda cruzada!...

E' de estranhar que, ao fim de tantos anos, seja esta, queridas raparigas, a primeira notícia enviada ao vosso jornal quando por tantas vezes e de muitas maneiras tem havido razões para o ter feito; mas confesso! como visse ser necessário publicamente manifestar-vos o meu contentamento e, sabendo como há interesse em o lembrar a outras vossas companheiras, eu tive que ceder a um impulso do meu temperamento, redigindo esta noticiazinha e lembrando-vos o princípio cristão e tão salutar — «Dar-se e fazer-se todo o bem possível de forma que só uma das mãos o saiba».

Fica assim, minhas queridas raparigas, compreendida a minha atitude, ao mesmo tempo prometendo não ser tão cruel de futuro e dizer-vos que poderão contar com a minha colaboração dedicada e justa no vosso tão lindo e instrutivo jornal — Mocidade.

A Sub-Delegada Regional da M. P. F. em Ferreira do Alentejo

N.º 95-Março

Assinatura ao ano 12$00
Avulso 1$00

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguêsa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa